

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.601

Sexta-feira, 15 de Fevereiro de 1924

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º e Lisboa — PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

As crianças que no próximo domingo hão de vir de Cezimbra para Lisboa já não chegam para satisfazer os pedidos das pessoas que desejam recolhê-las

CONTRA A DITADURA

O POVO DE LISBOA

produziu ontem entusiásticas e eloquentes demonstrações de repulsa contra a intentona reaccionária que se prepara na sombra!

Ante o edifício da Confederação Geral do Trabalho e de "A Batalha" milhares de manifestantes de várias tendências sociais e republicanas aclamam delirantemente a Liberdade. Os ambiciosos que conceberam por momentos a ideia criminosa de reduzir uma população explorada à escravidão máxima, devem ter sofrido ontem a sua primeira grande desilusão.

"A Batalha", que se orgulha de ser o jornal que melhor interpreta a vontade popular afirma hoje com segurança: A ditadura não triunfará, porque o povo não quer!

O significado das manifestações

O povo de Lisboa, de cujas tradições de formidável lutador pela Liberdade muita gente descreia já, começou ontem a opor um desmentido categórico aos seus detractores. O seu amor pela Liberdade vive ainda cada vez mais robustecido pela fome—pela fome que depauperou o corpo e rejuvenesce a alma no mais puro sentimento de revolta.

O povo não perdeu o amor à sua liberdade. Quando esta realmente periga, quando o horizonte político se tonda de ameaças mais graves, ele, o povo que toda a gente julga adormecido, qual leão forte e leal, prepara-se para a defender por todo o preço.

Povo sentimental, povo idealista e sonhador, suporta quasi indiferente a miséria negra, sorri desdenhoso ante os manejos gananciosos dos ladrões encasacados, engole os ombros ante a repugnante imoralidade das grandes.

Mas quando pretendem roubar-lhe a Liberdade, que é a sua vida, o povo não se deixa adormecer—acorda e tem gestos sublimes, actos de inextinguível nobreza, atitudes de sacrifício que o tornam invencível e indomável. Podem trair os chefes, deixar a sôla ceifando vidas a bárbara tirania, que o povo não se rende, não curva a cerviz, não desencana um momento enquanto o tirano não cai, enquanto não lhe garantam as liberdades sagradas que valem para o seu espírito tanto como o ar para o organismo.

A História é fértil de gestos de revolta popular. O povo

sabe sempre defender a Liberdade, segundo as aspirações máximas da sua época.

As manifestações que ontem se produziram em Lisboa constituíram uma eloquente demonstração de vitalidade e um início brilhante da acção energética e decisiva a exercer contra a ditadura odiosa que na sombra se premedita.

Ante os milhares de indivíduos que ontem se agruparam em frente de "A Batalha", tivemos a consoladora impressão de que enquanto o povo souber acorrer com tanta rapidez aos gritos de alarme soltados pelos revolucionários sociais, não será possível estabelecer-se uma ditadura em Portugal.

Não se de, porém, o povo por satisfeito com essas manifestações que tendo um enorme significado moral, podem não ser bastantes para debelar o perigo iminente.

Os ditadores esperam a ocasião propícia para saltar como tigres traiçoeiros sobre a nação. É necessário que todo o povo esteja atento para, com o mesmo entusiasmo que ontem empregou nas suas manifestações pacíficas, empunhar uma arma para defender com o seu sangue a Liberdade que alguns aventureiros ainda não desistiram de lhe roubar.

A Liberdade não se defende apenas com palavras, principalmente no momento em que a reacção se prepara para não-lhe furtar por meio do assalto violento e bárbaro!

A enxada do chefe do Estado

Na tarde de ontem convergiu para a estação do Rossio o elemento oficial para ir esperar, com o costumeado aparato a chegada do chefe de Estado. Para a estação do Rossio afluíram também muita gente.

Cerca das 18 horas quando o sr. Teixeira Gomes se apeou do comboio que o conduzia desde a noite, um grande número de pessoas rompeu numa manifestação de protesto contra a ditadura aclamando a atitude que o chefe do Estado tem mantido nesta conjuntura. Esta manifestação que foi importante e prolongada ocluiu completamente a manifestação preparada pelos elementos oficiais.

As manifestações contra a ditadura multiplicam-se demonstrando claramente o ódio que o povo nutre por essa forma de odiosa tirania.

O chefe do Estado não admite o princípio da ditadura

Realizou-se ontem, pouco depois das 21 horas, a anunciada manifestação de protesto contra a ditadura e que foi promovida por um grupo de republicanos da esquerda.

Os manifestantes reuniram-se na praça dos Restauradores, junto ao monumento, onde havia um distrito contra a ditadura, a vermelho e verde. Foram queimados alguns morteiros. Era grande a aglomeração de gente que discutia animadamente, proferindo todas as palavras e frases condenatórias da ditadura.

Por fim, a manifestação partiu em direcção ao Rossio, por entre vivas à liberdade e mortais à ditadura. Ao chegar ao Rossio a manifestação animou-se mais, entrando na rua do Ouro por entre vibrantes vivas à liberdade, à união contra a ditadura, à C. G. T., aos republicanos das esquerdas, etc.

Durante todo o percurso até à Câmara Municipal, as manifestações redobram, tendo sido soltados vibrantes gritos de desagrado contra os partidários da ditadura. Depois de estarem no largo do Pelourinho, uma comissão subiu à Câmara Municipal a falar com o chefe de Estado. O sr. Teixeira Gomes fez um breve discurso, manifestando-se contrário da ditadura e desculpando-se de não poder usar a palavra por mais tempo devido a ter de inaugurar os trabalhos do Congresso da Imprensa Latina.

Os manifestantes irromperam em novos protestos contra a ditadura, dirigindo-se a seguir todos e em massa compacta para o nosso jornal.

Imponente manifestação a "A Batalha" e a C. G. T.

A multidão encheu a rua em frente de "A Batalha" até ao Calhariz, fluíam sob uma bandeira branca, de Centro 19 de Outubro. Durante alguns minutos vivas vibrantes a "A Batalha" e a Confederação Geral do Trabalho vibraram prolongadamente no ar. Foi

entre o ruído ensurdecedor de vivas à Liberdade e abaxios à Ditadura que Constantino Mendes pronunciou um curto discurso verberando a atitude dos políticos que tem pactuado com todas as reacções e com todos os monopólios.

Mário Domingues, da Janela de "A Batalha" expressou-se com energia dizendo que se era verdadeiro o ditado de que os povos tem os governos que merecem, no momento grave que se atravessava o povo português iria decidir da sua sorte. Se perante a ameaça reaccionária ficasse indiferente, a Ditadura seria o regime que a cobardia popular merecesse, se se erguesse num impeto de revolta contra os ditadores, essa revolta seria o penhor duma sociedade mais livre, mais justa e mais humana.

As palavras do orador eram por vezes interrompidas por vibrantes vivas à Liberdade.

Proseguindo, Mário Domingues afirmou que os republicanos, que tudo prometem no tempo da propaganda a tudo tem faltado e que era chegado o momento dos poucos republicanos sinceros que ainda existem de renunciar a república tornando tanto quanto possível num regime capitalista benéfico para o povo. Se a república não souber impor-se por uma moral limpa e não repelir o contacto com monopólios e financeiros, não terão os republicanos autoridade moral para condenar a revolta justa do povo que deverá, perante a falência da democracia, lutar por uma sociedade mais avançada na qual os organismos económicos burgueses sejam substituídos por organismos de produtores e consumidores.

Terminou incitando o povo a manter-se atento para a primeira voz defensora do alma a sua liberdade ameaçada.

Novamente se ergueram vivas à Liberdade e à Confederação Geral do Trabalho e o povo começou a debandar lentamente.

Porém, quando o povo ia nas alturas do Calhariz, surgiu uma força de cavalaria da Guarda Republicana que provou uma certa confiança, embora não tivesse chegado a registar-se qualquer conflito por que um oficial do exército o impediu, fazendo parar os cavaleiros.

Um grupo de manifestantes dirigiu-se para o Bairro Alto a fim de sair do jornal "O Rebate". Em frente da redacção daquele jornal republicano os manifestantes soltaram vibrantes vivas à Liberdade, à Confederação Geral do Trabalho e a "A Batalha", sendo correspondidos das janelas por gritos de abaxio a ditadura.

A C. G. T. está preparada

O Conselho Confederal da C. G. T., ontem reunido para tratar da ditadura que elementos reaccionários pretendem estabelecer, discutiu largamente o assunto e tomou deliberações no sentido de desenvolver imediatamente uma acção energética e decisiva em todo o país contra esse regime de tirania, sendo aprovados todos os trabalhos a pôr

em prática e que foram presentes pela comissão especial para esse fim nomeada.

Uma saudação à BATALHA

Do brilhante escritor e poeta sr. Tomás da Fonseca recebemos o postal que gostosamente transcrevemos:

"A saudação de A. Batalha. — Saúdo com viva simpatia a atitude tomada por esse jornal em face da ditadura militar que se anuncia. — Tomás da Fonseca."

Os revolucionários do Bairro preparam-se

Com bastante concorrência reuniram ontem os revolucionários sociais do Bairro.

Exposta largamente por um camarada a actual situação política e a ameaça que sobre o proletariado está suspensa foi aprovada por aclamação uma moção com as seguintes conclusões:

1.º—Agir por todos os meios ao seu alcance para impedir semelhante crime contra as liberdades conquistadas à custa de inúmeros sacrifícios.

2.º—Secundar e apoiar qualquer movimento que pela C. G. T. ou qualquer outro organismo de carácter revolucionário libertário seja levado à prática para a defesa das mesmas liberdades.

3.º—Defender-se com armas na mão da tirania ditatorial e burguesa ainda que isso custe a própria vida.

No final foi aprovada uma proposta que constitui um comité secreto coordenador da acção a desenvolver.

Mais foi aprovado que esse comité estivesse em comunicação com o de Lisboa.

No fim da sessão foram erguidos frenéticos vivas à Liberdade, à C. G. T., mortais aos tiranos e à ditadura.

União Anarquista Portuguesa

A todos os anarquistas

O comité nacional da U. A. P. está informado, como aliás, todos os revolucionários atentos, de que a reacção burguesa, em nome de princípios falsos que só tendem a consolidar mais esta miserável sociedade, e com ela, o criminoso privilégio dos ricos e dos senhores, pretende restabelecer a autoridade, já abalada pela enorme descrença de todo o povo, numa ditadura feroz, de extermínio, de perseguição e de vitórias.

Pretende-se consolidar por mais largo tempo o sistema ruinoso e infame da Propriedade privada; reforçar mais e mais militarmente a ditadura da sociedade; um quartel; dando toda a força às hostes clericais, a todos os ideais retrógrados inimigos da evolução, partidários do obscurantismo.

Em tal conjuntura, nós, comité da U. A. P., cumprimos a nossa missão, dirigindo-nos imediatamente a todos os aderentes e, em geral, a todos os anarquistas, dizendo-lhes que contamos com o espírito revolucionário que nos deve caracterizar sempre, se deve manifestar

VIVA A LIBERDADE!

A "pioleira" manifesta-se altisonante afirmando, mais uma vez, as suas tradições e os seus sentimentos liberais — Sirva a lição de proveito a quem deve aproveitá-la

El-Rei Dom Carlos, rei de facto e de direito divino e hereditário, que, pelos modos, conhecia bem o idioma português, os homens com que lidava e o meio em que vivia, na sua linguagem chã e escorrida de pegador de louros — autêntico Bragança — chamava a isto uma pioleira, num tempo em que o pioleiro nacional estava muito longe de assumir as proporções quantitativas que assumiu na actualidade.

Tinha razão o malogrado e inditoso monarca.

O que Dom Carlos não compreendeu, seguramente, foi que o pioleiro é um poderoso elemento da ordem pública nesta pequena e inveterada nesga da Europa ocidental que tem dado e ha de dar muita água pela barba daqueles que tem suposto e supõem que o sentimento da liberdade, aqui, é letra morta e que é tão fácil balar com ela e reduzi-la a zero como é e tem sido fácil abusar da paciência e da bondade do povo, a ponto de reduzi-lo à condição de massa passiva alimária que tudo sofre e tolera, sem protesto, menos que se toque na arca santa das suas liberdades.

E chamam ao pioleiro um elemento de ordem pública porque toda a gente que se dá a matar este parasita, enquanto se entrega a és e género de sport, não pensa na falta da sua missão.

É menos ainda em perturbar a ordem digestiva dos poderosos e patrióticos comilões que devoram o País.

Devorem e digirem, à vontade, até que rebenhem com a cabeleira.

Tudo quanto quiserem, menos ditadura e pena de morte.

Vitima da ditadura foi Dom Carlos, Vitima da ditadura mansa foi Pimenta de Castro, Vitima da ditadura foi Sidónio Pais. A experiência está feita.

energicamente nesta hora em que políticos, que, como tal e como sempre, não possuem escrúpulos de espécie alguma, pretendem estabelecer a Ditadura.

A U. A. P. possui grupos espalhados pelo país fora, de norte a sul.

É preciso que se preparem para impedir, por todas as maneiras, pela persuasão e pelas armas, que os ditadores consigam o seu intento.

Ao fazermos esta nota devemos declarar, que os anarquistas não combatem a ditadura no mesmo pé de igualdade que os políticos radicais e esquerdistas. Os anarquistas combatem todos os governos, vivem numa luta constante contra todas as opressões políticas, quer elas sejam personificadas na loucura abjecta dum Cunha Leal.

Quer num constitucionalismo permanente sempre mantenedor do capitalismo sempre expressado dum Autoridade que repudiamos.

Combinamos, sim, a Ditadura como um ataque mais forte da Autoridade, mas, correntes a nossa acção, neste sentido, continuará sempre, e virará todos os governos e todas as ditaduras que elas se piam de azul quer de vermelho. Somos contra todas as Ditaduras!

É nesta ordem de ideias que nos dirigimos aos anarquistas que, como nós, não estão dispostos a baralhar ideias, a confundir princípios. Dum lado os autoritários, doutro os partidários da Liberdade que só pode existir sem governos num regime económico livre.

Alerta pois, contra o ataque que se prepara.

Lisboa 14-2-1924.

O Comité da U. A. P.

Sindicato dos compositores tipográficos de Lisboa

Em reunião ordinária realizada ontem, a Direcção da Associação de Classe dos Compositores Tipográficos de Lisboa aprovou a doutrina da nota da C. G. T. sobre o movimento que os conservadores militares e civis pretendem pôr na rua para nos impor uma ditadura truculenta e asfixiante das poucas liberdades que traímos, resolvendo recomendar à classe que esteja a postos para observar e cumprir as instruções

Experiência amarga, dolorosa, que custou milhares de vidas.

O povo pioleiro desta pioleira, cada vez maior, tem, é certo, a necessidade instintiva de se limpar do pioleiro e tanto assim que não tem mãos a medir um homem que andei ali, nas praças públicas, a vender uns cnobos, não sei de que droga, para matar pioleiros.

Al nos soalleiros da cidade o mulheirinho depauperado e famélico entretem-se na matazeca das respectivas cabeças e da respectiva filharada e enquanto vai cagando neles com a destreza com que El-Rei Dom Carlos cava coelhos e perdizes, mata reses desta nossa pioleira.

Não se lhe dá grande coisa que vá tudo por água abaixo, que as forças vivas fomentem o pioleiro nacional; que o país esteja a saber, que se acabe o mundo; que a Inglaterra reconheça a república russa dos soviets.

Liberal, como nenhum outro do mundo, o povo português, cavalheiro e fidalgo, não pode ver, sem revolta, um insulto à sua dama, tal qual os cavalheiros portugueses, no ciclo brilhante das altas cavalarias, não podiam ver, sem abalo, a lamina duma espada, um castigo de Deus e as lágrimas duma mulher.

Bulam em tudo e com todos. Protejam sindicatos e monopólios; encham-se de dinheiro; tuberculizam, embriaguem, alcooizem, a população do país; fechem escolas; abram tabernas e prostibulos; mas façam tudo isso em boa constituição — ou não há mais esta.

Não pensemos, porém, na pena de morte cuja abolição, entre nós, se deve a esse Sinto que se chamou D. Pedro quinto e ao seu nobilíssimo ministro, Mousinho da Silveira.

Tudo quanto quiserem, menos ditadura e pena de morte.

Podem milicianos quaisquer acumular vagões e vagões de farinha nos armazéns do Estado, como se está fazendo nos armazéns do Terreiro do Trigo, à espera de que esse artigo tenha aumentado de preço.

Podem arder Trays; podem passar carros e carruagens; podem os pioleiros produzir-se e alastrar à sua vontade e ser mais bastos que as areias universais.

Tudo quanto quiserem, menos pena de morte.

Tudo quanto quiserem, menos ditadura, que vem a dar na mesma ou que para esse resultado converge.

E aqueles todos que pensam em realizar a ditadura que pensem em tudo menos nisso.

Encareça o pão. Vá a nota a zero. Rebele a moagem, de indignação. Esforcem as forças vivas de abastança, comodidade e conforto. Encha-se a finança, a mais não poder ser.

Comprima o governo os despeses, reduzindo o funcionalismo público ao mínimo grau da mendicância. Paralize inteiramente a produção, pela falta de consumo resultante da defeza obrigatória do consumidor contra a ganância comercial.

Tudo quanto quiserem. Tudo, tudo, tudo!

Quanto à ditadura e à pena de morte, puchem dum corno e chuchem nele, que é cana doce.

Pega tudo, menos isso.

Honra seja feita ao zé-povinho desta pacífica e liberalíssima pioleira.

Pioleiros, sim! Quantos quiserem.

Ditadores e apologistas ou defensores da pena de morte, passem-se a zé-povinho de moscas. Tenham vergonha. Sumam-se, desapareçam e não olhem para trás.

Em vista do que se passou ontem em Lisboa e do que eu vi e ouvi em frente da redacção deste jornal não posso conter-me.

Tenham paciência. Desculpem a minha expansão.

Deixem-me gritar: Viva a liberdade! Viva a liberdade! Viva a liberdade! Viva a liberdade! Viva a liberdade! Viva a liberdade! Viva a liberdade! Viva a liberdade! Viva a liberdade! Viva a liberdade!

Chia! José BENEDY

OS MARITIMOS DE CESIMBRA

Chegam no próximo domingo a Lisboa os primeiros filhos dos grevistas

O movimento de solidariedade do proletariado consciente aos marítimos de Cezimbra está-se intensificando. É a solidariedade demonstra bem que o proletariado adquiriu já uma consciência nítida da luta de classes e a extensão do papel que nela tem de desempenhar. É certo que nem todos os operários, infelizmente, estão ocompentados da sua missão. Mas é uma verdade constatada em várias decisivas experiências e uma verdade consoladora que vai aumentando o número dos operários que sabem actuar, com a energia, a consciência e a oportunidade necessárias.

O auxílio a prestar aos marítimos de Cezimbra representa uma bela e consistente manifestação de solidariedade. Representa também um gesto de elevada humanidade. Salvar as crianças dos pescadores das inclemências resultantes da greve é dar à luta social o grande alcance humano que ela tem de abranger.

Costuma-se apresentar o movimento de reivindicações em que o proletariado se tem lançado como um movimento mesquinho de interesses; um movimento de estreitos egoísmos; um movimento exclusivo de estômago. A atitude do proletariado acudindo aos filhos dos marítimos, como o que acudiu aos filhos mineiros de Aljustrel, e aos de São Pedro da Cova e ainda aos dos grevistas têxteis da Covilhã provam que não é dum simples movimento de estômago que se trata. É também um movimento de consciências revoltadas e que não pactua com iniquidades e que sabem cumprir, na hora própria, com os seus deveres de solidariedade.

Todos os camaradas que desejem ter a seu cargo filhos dos grevistas devem, sem demora, partir para a sede da Federação Marítima, Rua Castelo Branco 5, 1.º.

Lavra grande entusiasmo na Cova da Piedade em Almada e no Seixal.

Entre outros, ofereceram-se para tomar conta das crianças de Cezimbra mais os seguintes camaradas: Albano Francisco, Alberto Martins, Manuel Lopes Castanheira, Manuel Pinto Maia, Francisco Ajuda, Frederico de Oliveira, Martinho Cardoso, João Carlos Santos, Mateus Aquino, Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra e Cooperativa dos Fragateiros.

Ha também a registar as seguintes quantias para auxílio aos grevistas: Fragateiros, 1.000\$00; Descarregadores de Mar e Terra, 150\$00; Maquinistas Fluviais, 60\$00.

Muitos operários do Seixal e de Almada tem enviado o seu nome, prontificando-se a manter crianças dos grevistas.

O Sindicato Unico da Construção Civil, reunido ontem em assembleia geral, resolveu fazer um apelo ao proletariado da industria no sentido de prestar solidariedade aos marítimos em greve, correspondendo assim ao apelo feito pela Federação Marítima. O resultado foi resolvido apesar do sentido de que os proletários da industria, que o possam fazer, deem os seus nomes para tomar conta de filhos dos marítimos.

Trabalhadores: LEDE A "A BATALHA"

DOS LIVROS E DOS AUTORES

O MARQUEZ DE POMBAL, PUPILO DOS JESUITAS, estudo por Rocha Martins
DOM SEBASTIÃO, poema por Correia da Costa

Rocha Martins, um dos maiores exemplos de trabalhador das letras que eu conheço e que sem um desfalco de importância reparte a sua actividade intelectual pela revista, pelo panfleto, pela novela e estudos históricos, acabou de acrescentar à sua valiosa obra mais um livro onde se patenteiam todas as suas belas qualidades de escritor.

O Marquez de Pombal pupilo dos jesuitas — eis como se intitula o novo trabalho onde, documentadamente, o seu autor prova que o marquez, tão conhecido pelo vulgo como inimigo da Companhia de Jesus, foi, nos seus tempos de diplomata em Londres e Viena, aliado fiel dos jesuitas de quem recebeu, muitas vezes, favores e dinheiro.

Além deste aspecto, Rocha Martins, documentadamente, prova, ainda, que o despeito do marquez contra a nobreza desse tempo, longe de se filiar em altas questões de ordem política ou nacional, provinha do rancor que alimentava contra as principais famílias, como os Sousa Coutinho e Távora, por estas não anuírem à aliança de seus filhos com os marquez; e fornece indicações inéditas de onde se conclui — o que já conhecíamos — que a questão com os jesuitas foi apenas uma luta de interesses, sem preocupação comercial, que os padres da Companhia iam alcançando, especialmente nos estabelecimentos agrícolas do Brasil.

Aos que festejam a irreligiosidade e liberalismo de Sebastião de Carvalho, recorda e demonstra Rocha Martins como aquele se serviu sempre as fórmulas mais severas de desobediência à igreja, vivendo e morrendo entre padres, distribuindo o lugar de abade a uma irmã, o cargo de inquisidor a seu irmão Paulo, tendo sido ele próprio familiar do santo officio.

Sobre as qualidades administrativas que nega ao marquez — embora estejam averiguados muitos actos de venalidade — não concordo, inteiramente, com a crítica implacável de Rocha Martins, porque embora a sua obra administrativa não seja perfeita e fique muito aquém dos exageros que a ignorância do vulgo alancardou, é mister reconhecer-lhe algum valor, sobretudo em relação ao espírito da época e aos outros estadistas desse tempo; não se olvidando, ainda, o estado de desorganização que o país atravessava desde o final do século XVI, com toda a espécie de casticismo, em que não faltaram peste, fome, guerra, conspirações, dominação estrangeira e terremotos — tudo de mol-

de a entrar a acção do mais experimentado.

Mas o fim principal do livro é focar a figura sinistra, tórva, dura, cruel, que foi Sebastião de Carvalho; e esse fim consegue-o Rocha Martins dando-nos interessante documentação inédita, à margem da qual a sua pena nervosa foi traçando um maguado e indignado protesto contra o principal autor do suplicio dos Távoras, cuja raiva se não deteve ante a bárbara morte de mulheres e crianças e foi mais além, detendo os jovens descendentes das suas vítimas, arrastando-os para os cárceres, para que nem as urtigas medrassem nessas terras amaldiçoadas pela sua imaginação de requintada e prodigiosa ferocidade.

Tal é o livro de Rocha Martins — livro onde, por vezes, se sente a paixão romântica enegrecendo as tintas com o que é dado o despojado perfil de Pombal — mas donde também brotam preciosos ensinamentos para aqueles que, em certos símbolos, erradamente fazem o culto da Liberdade.

Além da documentação histórica, que é valioso elemento para a bibliografia pombalina; o livro está, literariamente, bem traçado, cumprindo-me destacar o capítulo da introdução, intitulado: «As almas errantes», que é romântica evocação ao túmulo violado de Inês de Castro, lindamente aproveitada e tratada com arte de mestre.

Correia da Costa, depois das suas crônicas e das páginas de ensaios de crítica acaba de publicar o seu anunciado livro «Dom Sebastião», poema em seis cantos, quasi todo em verso branco, que trata da vida do rei lendário, desde a sua infância até ao desastre de Alcoriz. Kibir, donde brotou o doentio misticismo sebastianista.

Como tantos poetas que na Escócia, na Alemanha medieval e até entre os heróis ou santos, Correia da Costa foi inspirar-se na messianica lenda portuguesa dum jovem rei fantasma pertubado de sonhadas glórias e aventuras, que se deixou matar às cutiladas dos mouros, e lá ficou nos areais africanos sob montes de cadáveres, entre espadas de prata, estandartes róticos, gibos de seda e dez mil guitarra portuguesas — porque nem esta nota bizarra falta nessa romântica jornada de morte. O motivo não é novo e justifica a predilecção imaginosa dos poetas que, muitas vezes, pondo de banda a verdade histórica, apenas procuram ver o herói

através das suas virtudes, martírios e sonhos, alheando-se dos seus erros e fraquezas mentais.

Mas apesar de não ser motivo novo e estar fartamente dado no borbão do sentimentalismo nacional, Correia da Costa, através do seu estilo cuidado e da sua arrebatada emoção, conseguiu páginas de relevo, gravando em névoa, ouro e sangue a loucura heroica de Alcoriz. Kibir.

Sobre o valor da obra como pensamento crítico, político e social — aquele pensamento crítico que é legítimo extrair de todas as obras de arte que abrangem uma grande figura ou uma grande época — Correia da Costa insistiu num erro, erro que não é seu mas que é da lenda que ele aproveitou e que nos dá um D. Sebastião diferente daquele que o rigor histórico indica e mais lógico se afigura. Não precisa o autor que eu lhe lembre a opinião de alguns historiadores sobre D. Sebastião:

O sr. António Sérgio, escritor categorizado, ainda há pouco tempo, no «Bosquejo Histórico», lhe chamava «rapazinho trepidante, pateta e fanfarrão, a quem os lundinos e fanáticos do tempo metem na cabeça ser o paladino da fé católica». E o grande Oliveira Martins no seu segundo volume de «História de Portugal», naquelas páginas soberbas do capítulo intitulado «Castrofofo», claramente traça essa época miserável, de tristezas e preséios, ensinando-nos como a melancolia da jornada de Alcoriz tomou vulto no espírito luso desse rei juvenil educado entre jesuitas e aristocratas brigões.

O D. Sebastião que Correia da Costa revela no seu poema é um outro que a pedrosa sentimentalidade deturpou, por isso a oportunidade da evocação do juiz histórico.

Mas os poetas têm liberdade para criar ídolos, para dar vida às lendas, havendo apenas que observar se nesta missão estética souberam viver nos domínios da arte. E sob este aspecto há que reconhecer o esforço intelectual de Correia da Costa e as suas provadas faculdades de escritor requintado e culto. Poderia, apenas — segundo o meu critério — ter-se dispensado de repetir alguns temas; e deveria ser mais intenso algumas páginas, como nos derradeiros momentos de Alcoriz. Mas tais reparos não invalidam esta obra que, com brilho, na sua carreira literária, consolidando o seu lugar entre os modernos escritores.

Juliano QUINTINHA.

A BATALHA

APOLLO Telefone N. 4126
TODAS AS NOITES, às 9,30
O mais alegre dos espectáculos
A graça e o deslumbramento da revista
Fruto Proibido
ELISA SANTOS em vários papéis
O Fado Canção da Vergonha por Lina Demool
Números repetidos — Sucesso central
A Filarmónica Nacional
e as promessas da propaganda
UMA NOITE INTEIRA A RIR
Crítica política de palpitante actualidade

VIDA SINDICAL

C. G. T.
Conselho Confederal

Reúnem ontem com a presença de delegados das U. S. O., de Lisboa, Porto, Évora, Faro, Almeida e Viana do Castelo; Federações: Metalúrgica, Construção Civil, Mobilidade, do Livro e do Jornal, Corticeira, Rural, Empregados no Comércio e de Calçado, Corpos e Peles; Sindicatos Nacionais: Arsenal do Exército e Chauffeurs; e Sindicato Geral de Lourenço Marques.

Foi apreciada a acta duma sessão efectuada entre delegados do Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional e o comité confederal na qual se tratou um incidente a propósito duma moção que os delegados daquele organismo acharam ofensiva.

Depois de vários delegados se haverem referido ao assunto, foi aprovado por unanimidade o seguinte documento: «O Conselho Confederal, ao apreciar a questão motivada pela moção Aleixo de Oliveira, de 28 de Setembro do ano findo, reconhece que não houve a intenção especial de ferir os delegados do Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional nem este ou qualquer outro organismo ou representantes delegados que se pudessem sentir atingidos pela mesma moção».

Discutiu-se e tomaram-se resoluções sobre a acção a opor à ameaça do movimento reaccionário.

U. S. O.

Reúne hoje, pelas 21 horas a comissão administrativa para assunto urgente.

COMUNICAÇÕES

Compositores Tipográficos. — Reúnem ontem a direcção deste sindicato, que tomou conta de vários expedientes, entre eles uma carta do camarada Manuel Viegas Carrasçal, preso na cadeia do Limoeiro à ordem do governo, sendo resolvido que um membro da direcção vá ouvi-lo; officio da Federação Marítima, pedindo auxilio para os grevistas de Cezimbra, resolveu-se que se abram queixas entre os componentes da classe.

Tomou na devida consideração a nota da C. G. T. sobre a planejada ditadura, resolvendo que fosse publicada uma nota para pôr a classe de sobreaviso. Apreciou também a marcha do movimento das casas de obras e dos jornais, bem como a publicação do Boletim.

Foi lançado na acta um voto de pesar pela morte do conselheiro José Duarte Serra.

Condutores de Carroças. — Reúnem ontem a comissão administrativa, que aprovou grande número de propostas de novos sócios, e apreciou um officio enviado pela Federação Marítima para que se preste solidariedade aos camaradas marítimos de Cezimbra, resolvendo-se convidar a classe a fazer queixas com esse fim, podendo o produto delas ser entregue todos os dias na sede deste sindicato.

CONVOCAÇÕES

Federação Marítima. — Reúne hoje, pelas 20 horas o Conselho Confederal, devendo comparecer todos os seus componentes, dada a importância dos assuntos a tratar.

Manufatureiros de Calçado. — Reúnem hoje, pelas 18 horas, o pessoal da fábrica «Elite», a fim de resolverem o caminho a seguir em face da resposta da Direcção da mesma fábrica às reclamações formuladas.

Inseridos Marítimos. — Pessoal de Cámaras. — Para tratar de assuntos que muito interessam a organização, reúne hoje, pelas 18 horas, a Comissão Administrativa, sendo indispensável a presença de todos os seus membros.

S. U. da Construção Civil. — Comissão da sede. — Convida-se a reunir-se hoje, para tomar posse, todos os camaradas que foram eleitos para a gerência deste comité de 1924 a 1925.

Federação da Construção Civil. — Conselho Federal. — Para a resolução de vários assuntos reúne hoje, pelas 20 horas.

Tanqueiros. — Reúne hoje a direcção, pelas 17 horas, devendo comparecer o secretário e o presidente da direcção transaccão, bem como o conselho fiscal para tomar posse.

Fragateiros. — Para apreciação do relatório de contas do ano transacto e eleição dos corpos gerentes para os anos corrente e de 1925, reúne hoje a assembleia geral, pelas 20 horas.

Operários Mecânicos do Açúcar. — Reúne hoje a assembleia geral, para entre outros assuntos de interesse, apreciar o relatório de contas da gerência do ano findo e eleger o presidente da mesa.

Manipuladores de Borracha. — Em 2.ª convocação reúne hoje, pelas 17 horas, a assembleia geral a fim de eleger os corpos gerentes para o corrente ano.

Impressores Tipográficos. — A comissão pró-bandeira reúne hoje, às 21 horas, na sede sindical.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Construção Civil da Parede. — Reúne no próximo sábado, às 20 horas, em assembleia geral, com o seguinte ordem de trabalhos: levantamento moral da classe e tomar deliberações sobre a carestia da vida. Reúne também no referido dia as comissões de propaganda e de auxilio aos presos por questões sociais.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

EDEN TEATRO
Ultimas Ultimas
da linda e engraçada
mágica
A Pera de Satanaz
Peça para famílias
Graça sem pornografia
Crianças e ser-horas
aplaudem com delírio

BREVEMENTE
a opereta portuguesa
O CARA LINDA

POR ESSE MUNDO FORA

ALEMANHA

reduzida à mais extrema miséria

BERLIM, 14. — A comissão internacional de socorros publica números impressionantes acerca do estado da Alemanha. Mil e quinhentos alunos das mil e trezentas escolas da região de Hamburgo estão tuberculosos.

Um terço dos alunos das escolas da Saxeia apresentam configurações raquíticas. Clingenta por cento dos médicos da Alemanha recebem subsídios de indigência.

Perseguições aos separatistas

BERLIM, 14. — Tem sido muito comentados os tumultos que tiveram lugar ultimamente no Palatinado. Em Permissen os tumultos atingiram especial violência tendo havido combates entre os separatistas e os seus adversários, muito renhidos, tendo-se feito uso de pistolas e granadas de mão. Tendo-se 40 separatistas barricado no edificio do governo os seus adversários lançaram fogo ao edificio por meio de petróleo inflamado.

Vinte oito separatistas que pretendiam fugir foram mortos com casaca-têto. O edificio ficou reduzido a cinzas.

O relatório da comissão de técnicos

BERLIM, 14. — Os relatórios das comissões de técnicos que estão procurando resolver a questão das reparações na Alemanha, serão publicados em meados de Março. O governo alemão publicará um livro branco contendo todas as informações oficiais que foram dadas às comissões de técnicos.

Contra o tratado de paz

BERLIM, 14. — Vai ter lugar uma reunião de estrangeiros na Universidade de Berlim. Cidadãos de várias Nações discutirão acerca dos efeitos deploráveis dos Tratados de Paz nos seus respectivos países.

SUIÇA

A Alta Saboia

PARIS, 14. — O conselho federal suíço replicando à última nota francesa acerca do estabelecimento duma zona livre na Alta Saboia propõe que a questão seja entregue ao tribunal da Haia.

GRÉCIA

40.000 turcos!

ATENAS, 14. — Segundo informações oficiais saíram do território grego desde Novembro 40.000 turcos.

CHINA

Perseguição a um explorador científico

BERLIM, 14. — O explorador asiático Kozloff que pretendia fazer escavações na antiga cidade de Kharakhoto na Mongólia foi detido em Urga pelas autoridades chinesas e depois de várias semanas de negociações obrigado a retirar-se porque os chineses temiam que essa expedição arqueológica fosse o disfarce com que se acobertasse a propaganda bolchevista.

FRANÇA

Um desmentido

PARIS, 14. — Desmente-se absolutamente que o governo americano tenha entrado em negociações com a França tendentes a adquirir as Antilhas em troca da anulação das dívidas de guerra. Esta noticia não tem qualquer fundamento não tendo nunca o governo francês pensado em ceder qualquer parte do seu território.

Guerra aos contribuintes...

PARIS, 14. — Na Câmara dos Deputados discutiu-se a questão dos novos impostos. Discursaram Tardieu e Klotz que disse que o contribuinte francês é o que é mais sobrecarregado de impostos e que segundo o Tratado de Versalhes necessário se torna que sejam lançados impostos idênticos sobre o contribuinte alemão. Em vista do aumento dos novos impostos alguns comerciantes aumentaram em 20 % o preço das suas mercadorias. O governo declarou apresentar um projecto de lei para desde já pôr cõbo a essa especulação.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Federação. — Reúnem ontem o comité federal que deliberou levar à sanção do Conselho uma proposta para se entrar em acordo com dois organismos revolucionários. Deliberou-se desenvolver a tipografia do Despertar e apreciar-se vários trabalhos realizados pela comissão pró II Congresso Juvenil.

Camifed. — Reúne hoje, às 20 horas, extraordinariamente para tratar dum assunto urgente e inadiável.

Núcleo de Setúbal. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a Comissão Administrativa para tratar de um assunto de grande importância, pelo que não deve faltar nenhum dos seus componentes.

Teatro NACIONAL
TELEFONE NORTE 3049

Brevemente a peça
'Mister Wu'

Ainda hoje a peça histórica
O Pasteleiro de Madrigal

Estão suspensas
as entradas
de favor

NO **Teatro Nacional**
TELEFONE NORTE 3049

DESPORTOS

Arbitragens arriscadas

As pugnas desportivas vem pouco a pouco, apresentando casos inéditos bastante curiosos e algumas vezes também bastante difíceis de resolver. E desta ordem o sucedido há pouco em França, durante o campeonato de «rugby», em que o Rugby Club Toulonnais perdeu um «match» decisivo contra o S. A. Bordelais. A dacia causa da derrota foi, segundo o clube vencedor, a parcialidade «vidente» do árbitro «Sr. Gonder» campeão olimpico (1906) e «Sr. Corin» de França de saltos à vara (3.775) contra o qual o Rugby Club Toulonnais tentou uma acção de perdas exigindo-lhe uma indemnização de 100 mil francos. O caso por indito, parece estranho não deixaria porém de apresentar um certo sabor... humorístico se entre nós, qualquer clube dos apilados de «am sports» intentasse idêntica acção, com a exigência de alguns contos como indemnização pela parcialidade do árbitro. Notar-se hiam dois resultados: imparcialidade absoluta nas arbitragens e ordenado para o árbitro, porque um cargo de tal forma arriscado deve ser choradamente recompensado.

AVIAÇÃO

O helicóptero

Cada dia que passa regista um novo progresso na marcha das sciências e das artes. A aviação é uma especialidade que tem apaixonados, que para ela procuram a perfeição, a tróco, muitas vezes, da própria vida.

O helicóptero é um aparelho destinado a tomar o voo e a aterrissar verticalmente e susceptível de voar horizontalmente, como um avião. Os seus progressos são lentos e ainda se não conhece o modelo pratico de tais aparelhos. Já em Abril de 1923, em Valenciennes (França) o engenheiro Olmichen vou durante 5 minutos a bordo de um helicóptero. O «récord» foi feito a 16 de Janeiro batido por Pescara, que no campo de aviação de Issy-les-Moulineux vou durante 8 minutos e 13 segundos, tendo percorrido a distancia de 1.160 metros num «helicóptero» da sua invenção.

Pequenas noticias

O Ateneu Comercial de Lisboa realiza nos dias 24 do corrente e 16 de Março, respectivamente os campeonatos de «box» e luta para apuramento dos concorrentes aos próximos campeonatos oficiais. Aos domingos, das 11 às 13 horas, realizam-se sessões-treinos de pesos e alteres, nos quais tem entrada os sócios doutros clubes desportivos.

Realizam-se no próximo domingo as «poues» lúicas em Palmela, anunciadas para o domingo passado, e que foram transferidas por motivo da chuva.

Na rua de São Paulo, 90, 2.ª, realizam-se hoje, pelas 21 horas, um reunião de honra, elementos do Sport Club Progresso, para tratar da sua reorganização.

Festas associativas

Impressores Tipográficos

Como temos notificado, é amanhã, que se realiza às 20,30 horas prefixas, na Academia Recreativa de Lisboa, Rua do Socorro, 11-C, a festa pró-bandeira deste sindicato profissional.

Contra a carestia

As resoluções das Juntas de Freguesia

O Conselho Central das Juntas de Freguesia pede-nos a publicação da seguinte nota:

«O Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa, na compreensão nitida dos seus deveres como defensor do povo que elegeu as corporações que representa, do povo sofredor, do povo esmagado pela alta finança e desmedida ganância dos assambradores de profissão, deliberou promover uma manifestação oratória, para junto do governo da Nação ir exigir-lhe a execução rápida das medidas preconizadas nas moções pelas mesmas Juntas aprovadas e ao mesmo já entregues.

Essa manifestação, para a qual desde já se convia todo o povo laborioso de Lisboa, e que finalida alguma politica tem, brevemente será anunciada, indicando-se a hora e dia em que deverá ter lugar.»

SECÇÃO TELEGRAFICA

METALURGICA

Sindicato de Évora. — Recebem officio e dinheiro, segue expediente.

Sindicato de Olhão. — Idem, idem, idem.

Sindicato de Abrantes. — Vamos enviar o expediente e as instruções que pedir.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Associação da Parede. — O vosso officio a propósito do assunto que se prende com a lei dos accidentes no trabalho, foi entregue ao conselho jurídico.

Ultimas noticias

O governo soviético

adere à conferência internacional promovida pelos trabalhadores

LONDRES, 14. — O governo russo concordou com a reunião da conferência proposta por Ramsay MacDonald para liquidar os assuntos pendentes. Parece que os Estados fronteirizos da Rússia tomarão também parte nessa conferência em que se tratará do pagamento das dívidas tsaristas, e que ela se iniciará nos fins de Março, devendo durar cerca de dois meses.

O governo inglês aproveitou as boas disposições da Rússia para promover um entendimento entre a Rússia e os Estados fronteirizos, o que concorrerá para a paz da Europa e para a solução «gáchis» economico da Europa oriental.

Os impostos na Alemanha

Esmagam os trabalhadores e poupam os capitalistas

PARIS, 14. — O comité de técnicos que estuda a questão das reparações chegou à conclusão de que o sistema de impostos na Alemanha é muito defeituoso e que as classes trabalhadoras e médias estão muito sobrecarregadas, ao passo que as classes industriais ricas e as outras classes abastadas se evadem ao pagamento dos impostos.

O primeiro comité abandonou já Berlim, tendo terminado o seu inquérito sobre a situação financeira; devendo entrar brevemente o seu relatório à comissão de reparações. Nesse relatório preconiza-lhe a concessão de uma vasta moratória.

Tumultos operários

Agitação em toda a Renânia

COLONIA, 14. — Reberntaram novos tumultos operários estendendo-se o movimento a toda a Renânia, e atingindo o particular importância na zona de ocupação inglesa.

Em Brühl, os distúrbios tomaram um carácter violentissimo, sendo a «chuppa» que tinha sido enviada desta cidade obrigada a refugiar-se no edificio do monte-pio, onde foi cercada por 500 operários.

Manca postal

Abrantes. — A. L. S. — Recebido 37800.

Beja. — J. F. F. — Diário e Suplemento pagos até 29 de Fevereiro.

Porto. — H. Almeida Saraiva. — Os 2500 pagos a mais são referentes ao Suplemento de Dezembro.

Figueira da Foz. — A. R. Carvalho. — Seguir o jornal para os novos assinantes.

OURIVESARIA E JOALHERIA

Santos Catão, Ld.

R. de Santo António, 44

e R. da Boa Vista, 22

GRANDE sortido em joias com pedras finas, objectos de ouro e prata para brindes e relógios das melhores marcas. Compram por alto preço ouro, prata, platina e joias.

CONFERÊNCIAS

«Higiene social»

No próximo domingo, realiza na Universidade Livre a 1.ª conferência da série sobre «Higiene social», a médica, sr. D. Adelaide Cabete, que tratará do alcoolismo. Esta 1.ª lição, sob o título «Alcool e seus derivados», terá o seguinte sumário:

Alcool e suas espécies; alcool etílico e suas propriedades (coagulante da albumina); origens do alcool; bebidas alcoólicas fermentadas e destiladas.

O alcool não é um alimento. Onde se transforma o alcool? Efeitos do alcool no protoplasma celular (coagulante). Diferença entre a embriaguez e o alcoolismo.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

Os delegados presos

A Comissão parquial da Sé do Partido Republicano Português na sua última reunião resolveu protestar contra a injusta detenção, em Espanha, dos delegados da Confederação Geral do Trabalho português.

— Os operários da industria de tanoria do Porto e Gaia, reunidos em número superior a 7.000 no seu sindicato, aprovaram um enérgico protesto contra a iniquidade de que estão sendo vítimas em Espanha dois delegados da C. G. T., resolvendo apoiar qualquer movimento que este organismo leve a efeito para conseguir a sua libertação.

AS ESCOLAS PRIMARIAS SUPERIORES

Admitimos a sua remodelação, desejamos mesmo que nelas se ministre um ensino mais consistente com os interesses do povo trabalhador
Mas suprimidas, nunca

Mal procede um ministro que no seu programa de acção nos traz a supressão de escolas.

Pouco respeito pelos direitos do povo revela um governante, quando para fazer supostas e apparentes economias começa por extinguir as unicas escolas onde, sem dispêndio, os filhos do povo poderiam procurar um mais fundo desenvolvimento intelectual.

Ingrata tarefa a dos homens que uma vez da posse do mando, entram de fazer obra que é contrária e atentatória dos supremos e sagrados direitos do povo.

Suprimir escolas num país onde a percentagem dos analfabetos constitui uma das nossas maiores vergonhas, num país onde é rara a instrução, sobretudo no povo, e essa rara rudimentarissima, é a revelação dum absoluto desprezo pela causa sobre todas grandes da instrução popular.

Um tal procedimento da parte dum ministro da república, não está bem, porque a república realizou-se sob a luz duma propaganda intensa em que os evangelizadores sinceros do ideal republicano entre muitas coisas prometeram ao povo um amplo desenvolvimento da instrução.

A economia resultante da supressão

No exercito, nesse colossal exercito que em graduados rivaliza com os exercitos da França e da Alemanha, havia muito o que comprimir despesas. Não queremos falar em tantos esbanjamentos, esbanjamentos sem conta, que raro merecem a atenção dos governantes. É que o Estado tem-se mostrado por vezes extremamente perduliro em casos donde em realidade poderiam advir avultadas economias e mostra-se agora avaro para fazer uma minúscula despesa com o funcionamento das Escolas Primárias Superiores.

Chegamos por vezes a convencer que não é com a mira de evitar despesas que o ministro da instrução suprima as E. P. S. Talvez que sua ex.ª queira antes o povo cego pela cegueira da ignorância.

Mas as Escolas Primárias Superiores não devem, de forma alguma, ser suprimidas. O povo, esse povo a que atribuem uma falsa soberania não deve permitir que tenha realização a ordem de supressão que o ministro ditou.

Não admitimos, desejariamos até que as Escolas Primárias Superiores fossem remodeladas. Quereriámos que o ensino ministrado nelas fosse mais pratico e, consequentemente, mais proveitoso para o povo.

LER NO PROXIMO NUMERO DO «SUPLEMENTO»:

O SOLDADO QUE FOI À GUERRA

(CONTO ORIGINAL VERSANDO UM CASO AUTENTICAMENTE VIVIDO)



das Escolas Primárias Superiores não é nenhuma, porque o governo deve, e há de forçosamente respeitar os direitos adquiridos, e portanto o pessoal continuará percebendo os seus vencimentos, ainda mesmo que não lhe deem outra ocupação.

Mas, supondo mesmo que nessa supressão havia economia, o governo não pôde, não tem o direito de fazer economias quando delas resulta um manifesto prejuizo para o povo. Fazer economias extinguindo escolas que tem por missão incommensuravelmente grande de fazer luz na alma do povo, arrancando-o ao aviltamento, à escuridão triste e nociva da ignorância, principal causa a opor-se à marcha dos povos no caminho do progresso, em que como estes tem em mira fazer uma luz mais intensa na alma do povo, é o mesmo que pretender-se «evita», ou retardar, porque evitar é impossível, a marcha dos povos no caminho da emancipação.

Suprimir escolas com o pretexto e aparente pretexto de fazer economias, é um tanto caricato, porque se de facto se quizessem fazer economias, havia muito onde faz-las com vantagem até para o povo.

Que faz a guarda republicana por esse Portugal fora?

Não será possível reconhecer-se-lhe uma utilidade?

Pois suprimam a Guarda Republicana e terão aí onde fazer uma importante economia.

As Escolas Primárias Superiores deveriam ministrar um ensino sobretudo técnico, devendo esse ensino adaptar-se aos costumes do meio, à vocação, às necessidades e à maneira de

